

Pioneiro involuntário

TESTEMUNHA DE 42 ANOS DE HISTÓRIA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, O FUNCIONÁRIO PÚBLICO CARIOCA SALVADOR VICENTE ADMITE QUE NÃO CONSEGUIU SE ACOSTUMAR ÀS PECULIARIDADES DE BRASÍLIA

Fotos: Evandro Matheus

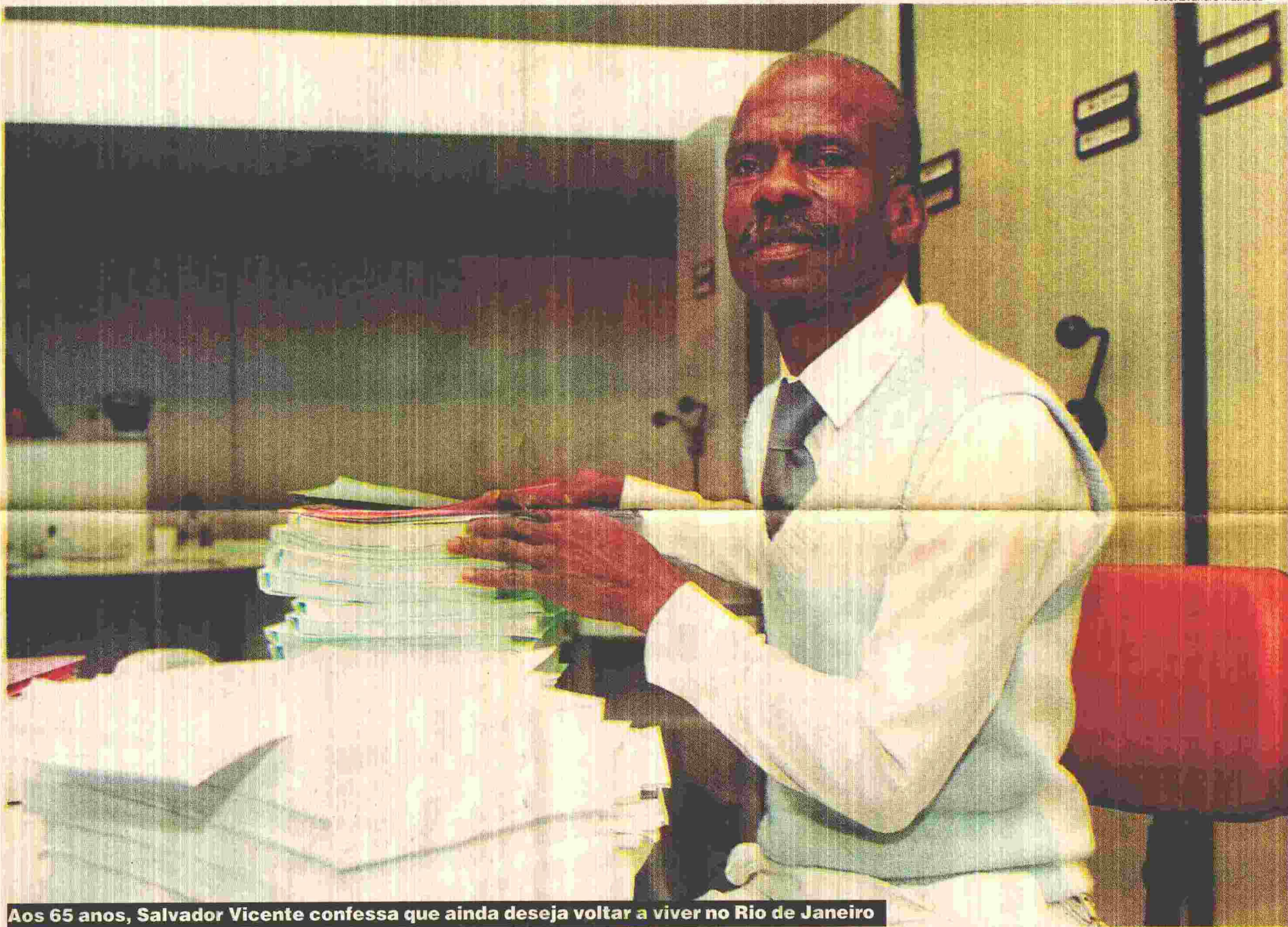
Karine Querido

O funcionário público Salvador Vicente, 65 anos, é um carioca apaixonado por sua cidade natal que acabou sendo transferido para a nova capital em 1960. Continua na ativa trabalhando na Câmara, como analista técnico legislativo, e contando muitas histórias interessantes.

Quando pisou a primeira vez no chão do Planalto Central, Salvador teve uma impressão nada boa. "A hora que o avião aterrissou, eu vi aquela nuvem de poeira fiquei doido. Queria voltar dali mesmo. A terra deixou a manta branca do meu filho, que estava no colo da minha senhora, vermelha. Fiquei apavorado e nem queria desembarcar", conta.

Os anos se passaram, Salvador trabalhou e criou os filhos. Conheceu muita gente importante, fez grandes amizades, mas admite que até hoje não se acostumou com Brasília. "Mesmo depois de tanto tempo aqui ainda não me acostumei com esse negócio de superquadra, bloco. Pra mim endereço deve ter nome de rua, número, bairro, etc. Foi assim que aprendi e não vou mudar", explica.

Salvador é pessoa querida e admirada por seus colegas de trabalho. Por conta de sua energia e docilidade conquistou a simpatia de várias pessoas. Além de suas atividades parlamentares, Salvador também é massagista e fisioterapeuta de times de futebol. Trabalhou em times como o Ceilandense, Ceilândia Esporte Clube, Samambaia e Sobradinho. Fez dessa atividade



Aos 65 anos, Salvador Vicente confessa que ainda deseja voltar a viver no Rio de Janeiro

uma paixão também.

Dentro do Congresso testemunhou momentos fundamentais da história brasileira, como o golpe militar. "Naquela época,

fomos proibidos de trabalhar durante três dias, mas depois tudo voltou ao normal. Pelo que vi só os chefões mesmo sofreram repressão. Para nós, os fun-

cionários de baixo calão, nada mudou, continuamos fazendo nossos deveres tranquilamente", relembra.

Apesar das histórias vividas

aqui, Salvador não esconde que quer muito voltar à cidade natal. "O Rio é meu pai, minha mãe, minha vida. Sinto muita falta de lá.", diz. Ainda hoje, depois de

todas as mudanças ocorridas na cidade, alega que, quanto mais o tempo passa e as transformações acontecem, mais estranha a cidade fica.